

O arraial, festa da rua e da cidade

Graça Índias Cordeiro*

Arraial: festa de um povo (1983), de Pierre Sanchis, é o terceiro volume da colecção de Antropologia, *Portugal de Perto*, criada e dirigida por Joaquim Pais de Brito, na prestigiada editora Dom Quixote. Publicado pela primeira vez em Portugal este livro baseia-se na tese de doutoramento de 1976, *Arraial - La fête d'un peuple*¹⁵: “Se esperou estes anos para ser divulgado, foi devido à exigência que nos impusemos de primeiro o propor não apenas aos leitores de língua portuguesa mas mais precisamente de Portugal [...] Julgo que as informações recolhidas pelo etnólogo ou sociólogo devem regressar, depois da sua organização e interpretação, ao grupo social de onde partiram” (: 12).

A investigação foi realizada nos anos que antecederam a ‘revolução dos Cravos’ de 25 de abril de 1974, momento que assinala o início de uma profunda transformação política, económica e cultural da sociedade portuguesa. No prefácio da sua publicação, sete anos após terminar a sua investigação, o autor assinala a importância destas mudanças que não chegaram a ser incorporadas neste estudo: “... ignoramos [...] em que medida as festas continuaram a polarizar [...] a vida social das comunidades rurais, no seio dos quadros sociopolíticos criados com a revolução. Já que a “Revolução dos Cravos” como o 1º de Maio que se lhe seguiu deram lugar, pelo menos os meios urbanos, à explosão de uma das mais intensas festas que o mundo contemporâneo conheceu” (: 18).

No ano em que este livro surgiu, neste início dos anos 1980, eu iniciava um mestrado em Antropologia e Sociologia da Cultura na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa que, aliás, foi o primeiro mestrado em Antropologia em Portugal. Desde o início desta colecção de Antropologia que eu estava atenta à saída regular destes livros e os ia adquirindo. O seu primeiro volume, sobre a história do fado¹⁶, levava-me, até, a fazer uma entrevista a Joaquim Pais de Brito, director da colecção, em conjunto com dois colegas. Começava a interessar-me, cada vez mais, pela cidade de Lisboa e tentava construir pontes entre a minha formação universitária, em que os terrenos rurais e exóticos predominavam, e o meu interesse pela vida urbana. Mas só no início dos anos 1990, durante a minha investigação de doutoramento sobre a construção

* Professora do CIES-IUL, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. Texto apresentado na mesa redonda em homenagem a Pierre Sanchis.

¹⁵ A segunda parte da sua tese tenha sido suprimida do livro, por razões editoriais (: 12).

¹⁶ Pinto de Carvalho, 1982.

social de um bairro popular de Lisboa, eu viria a descobrir realmente o livro de Pierre Sanchis, e a estudá-lo como referência obrigatória e como obra única de síntese sobre este tipo de festividades populares portuguesas.

Hoje não tenho a menor dúvida que a sua leitura foi fundamental para a minha investigação nas pistas que me sugeriu de análise e de compreensão das festas populares que em Junho enchem alguns dos bairros da cidade de Lisboa, nomeadamente ao nível dos arraiais que, na minha pesquisa sobre a construção de identidades territoriais urbanas, eram uma peça fundamental. Mas não foram apenas as pistas teóricas e metodológicas na análise do arraial português que inspiraram o meu próprio olhar; foi também a sua ligação ao terreno, um terreno estrangeiro para ele, e o modo como ele entrou nos meandros da sociedade portuguesa e soube captar as nuances dos vários significados locais das práticas festivas, suas representações e conceitos. Tal forma de pesquisar, incluindo a sua restituição em forma de monografia ao ‘povo’ português, foi uma aprendizagem e um modelo para mim; hoje, valorizo como nunca a sua originalidade, sentido ético e excelência da sua escrita.

A releitura que eu fiz deste livro levou-me a reler a minha própria investigação sobre os vários significados das festas de Junho em Lisboa. Em particular, a sua introdução e o quinto capítulo “O pomo da discórdia: o arraial”, deram forma à curta reflexão que se segue que testemunha o reconhecimento intelectual que sinto pelo autor de uma obra que tanto me inspirou.

Em primeiro lugar, e começando por aquilo que mais me marcou nesta abordagem, gostaria de realçar a visão aberta, holística, que vai do geral ao particular, acautelando sempre o risco da fragmentação da realidade em estudo. Não sei quantas vezes eu reli a abertura do seu estudo que tão bem caracteriza um fenómeno transversal a toda a sociedade portuguesa, rural e urbana: “Chega a Páscoa e a Primavera, e Portugal inteiro entra no ritmo da festa, até aos primeiros anúncios do Outono. Ritmo que, aliás, apenas abranda durante os meses de Inverno. As aldeias celebram o seu patrono principal na igreja da paróquia e na praça que a rodeia [...] as cidades importantes multiplicam as festividades que culminam geralmente com a festa municipal ou do “Concelho”, festa que pode durar vários dias e juntar à espontaneidade da multidão, que então ocupa a rua, as cerimónias religiosas, os espectáculos e desfiles programados e organizados pela administração...” (: 15).

A definição do arraial é uma definição operacional, uma definição flexível onde cabem vários tipos de festa diferentes. Tal identificação revela uma sensibilidade e

atenção a algo sem limites precisos nem definição absoluta, mas que se faz de aproximações ao sentido mais profundo dos fenómenos em análise. O arraial é romaria e, simultaneamente, não é romaria, pois o sagrado e o profano se misturam; é, sim, o espaço enfeitado onde se faz a festa, é o conjunto das pessoas que a fazem, é a totalidade das atividades que aí se desenvolvem.

Num plano teórico-conceptual, há que sublinhar a formulação de uma problemática que, realmente, se constitui como problema, sem simplificações apressadas, sem respostas precipitadas, algo que sabe abrir pistas e não as fecha numa resposta redonda, deixando muito em aberto. Qual o lugar, na dinâmica social (na produção e reprodução da sociedade) dos ritos sociais, da festa, do sagrado? Será que estas manifestações permitem atingir uma realidade [...] ‘popular’? Se sim, em que condições? E que realidade é esta? Em que medida dispõe o ‘povo’ dos órgãos de comando de manifestações existenciais ao mesmo tempo expressivas e constitutivas dele próprio? E em que condições, numa dialéctica de alienação/libertação, se apropria da iniciativa, sempre de novo perdida, do seu destino colectivo? (: 22). É ele próprio quem critica as visões marxistas mais simplificadoras: será a sociedade dicotomicamente dividida? Do seu ponto de vista, mais importante do que tentar responder a esta questão, é olhar para a tensão permanente que existe entre a hegemonia e a contestação. É aqui, neste movimento, nesta dinâmica, que se pode encontrar o princípio das respostas, é aqui que se pode alcançar o entendimento. A sua visão dinâmica e multiforme do popular (: 26) - assumindo a crítica ao conceito de povo, demasiado impreciso -, faz do popular, mais do que uma essência, o polo de uma resistência passiva ou de contestação; o que interessa é o confronto, a oposição; ‘o popular faz sempre referência a uma oposição que lhe é estrutural’... e que não o define suficientemente (: 27), escreve o autor.

Num plano mais metodológico, há que assinalar a clareza e o rigor deste trabalho, todo ele baseado em conhecimento directo, *in locu*, na observação participante, em inquérito, numa grande atenção à produção escrita local: literatura etnográfica, documentação eclesiástica, imprensa local. Com tudo isto Pierre Sanchis consegue traçar um retrato absolutamente maravilhoso das romarias, com referências de norte a sul do País, num misto de ‘descrição etnográfica e análise sociológica’ (: 20). A sua opção em ‘tentar uma restituição do próprio movimento da vida que constitui’ as romarias portuguesas, mesmo correndo o risco de ficar mais próximo de uma reportagem jornalística ou literária, leva-o a recusar uma seca análise sociológica. É um excelente escritor e a tradução de Madalena Matos é, sem dúvida, notável. A importância da

historicidade nesta análise é sublinhada ao considerá-la teoricamente relevante como via de acesso privilegiada e como princípio de explicação particularmente esclarecedora. Mas... “é necessário marcar desde já os limites das nossas atuais pretensões” pois a tese que se apresenta “deve ser considerada como um fragmento de um fragmento, uma parte de uma parte’ (: 19) o que revela, além do mais, a sua humildade perante a inabarcabilidade de um fenómeno tão complexo como o da festa.

A etnografia e análise sócioantropológica casam maravilhosamente neste estudo. Gostaria de referir alguns dos tópicos identificados pelo autor que me marcaram particularmente: a ambiguidade da festa, nomeadamente na tensão entre pares que, longe de serem dicotómicos, se conjugam e dialogam entre si: sagrado/profano; lúdico/violento; o espontâneo/poder; local/turístico; tradição/ inovação; uma particular atenção às transformações que antecipavam a ‘revolução dos cravos’ (1974), mas que não foram aprofundadas neste estudo, deixando o aviso de que a relação entre “as festas de romaria e a festa revolucionária, ficou ausente deste trabalho” (: 19); a mediação política entre classes, grupos, instituições, famílias, líder, a massa, mas também a mediação das ideologias e utopias (: 27), numa visão da sociedade como conjunto; a identificação de algumas das principais forças presente no arraial, “entendido como o núcleo de significação própria da romaria”, de onde eu destacaria a ideia de festa como *espaço do confronto* e o *valor do lugar*, a que PS chama de ‘alternativa topográfica’, claramente explicitada: “Porque os lugares não são para o homem um quadro morto, onde se desenrolaria a sua existência. Vivem dele e nele, depositários activos de uma memória individual e colectiva, progressivamente acumulada [...] aí (nos lugares) se cristaliza uma história em pontos precisos do espaço...” (: 140-141).

Efetivamente, o arraial, enquanto símbolo da festa popular é, simultaneamente, o “espaço”, o “ajuntamento”, as “actividades”¹⁷: “Esta velha palavra portuguesa, que na origem designava um acampamento militar, tornou-se hoje em dia, em Portugal, a concretização e o símbolo privilegiado da festa popular [...]. O arraial é o prado, o campo plantado de árvores, o entroncamento de caminhos, a avenida ou a praça que a festa anexou; é também o ajuntamento que aí se forma, a densidade social que aí se cria, povo que aí se comprime, o ‘nós’ gratuito que aí se instala; é, enfim, o conjunto de actividades que aí se desenrola” (: 142).

¹⁷ Sobre festas juninas e as quadrilhas em Natal ver: Chianca, 2006.

O arraial é, assim, antes do mais, um espaço profano onde se canta, se dança, se toca música, se come, se fazem trocas e comércio; e onde também se luta, se namora, ‘se processam encontros com significação erótica... (: 143). Esta visão do arraial como a transfiguração colectiva de um território de todos os dias leva-o mais longe, a questionar-se sobre a separação entre festa campestre (profana) ou peregrinação (sagrada) e, sobretudo, a centrar-se no *espaço da festa*, como território que se define através de rivalidades, de lutas, por vezes violentas, usando inúmeros exemplos rurais e urbanos.

E é aqui que eu gostaria de registrar a minha dívida intelectual perante esta obra e o seu autor, introduzindo a minha perspectiva sobre o papel que um certo tipo de festas - as festas de Junho, também designadas como Festas dos Santos Populares - têm na cidade de Lisboa como produtoras de identidades em vários planos: ao “nível da construção dos lugares”, “das territorialidades” (marcando fronteiras entre ruas e bairros), “ao nível da sua vida económica e política” (promovendo interacções transversais e interclassitas, suscitando financiamentos públicos, produzindo hierarquias de prestígio entre associações locais, criando lideranças políticas, etc.), ao nível das “representações e dos imaginários” com efeitos muito expressivos no turismo e, até, na “definição de políticas públicas”, nomeadamente, de habitação e renovação urbana.

Os arraiais e as marchas de bairro, que se organizam para um concurso anual, contribuem para a produção de uma imagem de Lisboa como cidade de bairros (Cordeiro, 2003). Efetivamente, as actuais festas da Cidade de Lisboa, que incorporam estas ‘festas populares’ como parte nuclear do seu programa, são um imenso espaço de negociação entre os governantes (que pagam a festa) e o seu povo (que a organiza) em torno da criação de uma certa imagem global da cidade. Esta imagem que funciona para dentro, por exemplo nas políticas urbanas, e para fora, por exemplo no turismo, revelam como tais festas se constituem como um imenso espaço de mediação entre o poder autárquico e o povo da cidade (usando estes termos de forma muito aberta e sem preciosismos) através da organização de parte substancial dos “arraiais” na rua e do “desfile das marchas” na avenida central da cidade. Esta investigação que começou com uma abordagem etnográfica, no presente, foi complementada com uma pesquisa histórica que tomou como uma das fontes principais a imprensa periódica - inspirada pela ideia de a historicidade ser uma das vias de acesso e princípio de explicação teórica mais profícuas.

De forma muito resumida, gostaria de trazer aqui duas conclusões do meu trabalho que ecoam nas preocupações de Pierre Sanchis: por um lado, o enraizamento micro localizado do lugar, em continuidade com aquilo a que este autor chama de ‘alternativa

topográfica', focalizado em lugares "depositários de uma memória individual e colectiva [...] onde se cristaliza uma história em pontos precisos do espaço" (: 141) e, por outro lado, a emergência do bairro como lugar de representação e identidade urbana. Foi a festa, com o seu arraial e a marcha, que me permitiram ver tanto o fenómeno de micro territorialização interna ao bairro como a representação do bairro para o exterior, ambos peças fundamentais da construção da identidade pública da cidade de Lisboa.

No que se refere à primeira conclusão, o presente etnográfico permitiu-me observar como, durante o mês de Junho, o território do arraial define fronteiras e elege um pequeno número de ruas como o 'coração do bairro'; e, também, como o tempo cíclico do arraial marca não apenas a chegada do Verão como também o tempo geracional das memórias familiares, de infância e juventude e, ainda, o tempo histórico do bairro e da cidade, com tudo o que de efabulação existe neste tipo de narrativas autobiográficas. Na imprensa, pude observar a 'cristalização de uma territorialidade', através das notícias sobre a localização das festas em certas ruas e a descrição dos percursos de algumas marchas 'aux flambeaux' organizadas por pequenos grupos de habitantes, em comissões, comércio, empresas ou associações. Tais manifestações públicas, arraiais e desfiles, definiam fronteiras no espaço urbano. Uma das descobertas deste estudo foi a permanência de algumas destas fronteiras ao longo de mais de 100 anos! Neste sentido, pode-se afirmar que, a nível micro-local, a festa marca e define territórios específicos em torno de ruas polarizadoras de vizinhanças.

Quanto à segunda conclusão, vemos que os bairros que participam nestas festas 'populares' são elementos fortes na representação, no imaginário e na identidade de Lisboa. Este é um facto historicamente construído ao longo do século XX, num processo complexo de "criação e cristalização" de uma determinada representação da capital de um país. De uma forma abreviada, podemos afirmar que os chamados 'bairros populares' de Lisboa se foram constituindo historicamente através de uma negociação política, económica, técnica, ideológica e cultural, ao longo de décadas, que envolveu - e continua a envolver - vários sectores da população cidadina, tanto a nível institucional (imprensa local, poder autárquico, associações, forças económicas) como informal (redes sociais, encontros, situações) em várias linhas de comunicação transversais e performances festivas co-organizadas. Foi este processo de constituição de um bairro que, através das suas 'festas populares' representa toda uma cidade, que foi o objeto da minha tese de doutoramento (1997).

Na realidade, as festas, o bairro e a cidade compõem algo que podemos designar como um “triângulo simbólico” em que as festas fazem a mediação entre o bairro e a cidade. No caso em estudo, as forças vivas do bairro parecem coincidir com a sua rua central, polarizada pela associação que, através da organização das festas se apropria do bairro e do seu topónimo, explicitando os seus limites, circunscrevendo o seu ‘miolo’, ‘o coração’ do bairro através do enfeite das ruas que fazem a festa no seu interior. A festa permite ver uma articulação de escalas de apropriação e representação da cidade, através de múltiplas negociações entre a rua e o governo da cidade.

Em síntese, quando, em finais dos anos 1980 eu avancei para uma investigação que se propunha perceber melhor como se constrói a identidade de lugar e o sentimento de pertença nalguns bairros de Lisboa, particularmente visíveis no momento das chamadas ‘festas dos Santos Populares’, eu sabia que tinha de escolher um lugar, uma unidade de observação, que me permitisse aprofundar um caso numa perspectiva etnográfica - enfim, um território. Na altura eu pensava no bairro como uma unidade social mínima, confundindo-a com a vizinhança, como se o bairro fosse uma entidade territorial cartografável. Não tinha consciência, como hoje, que o bairro é um lugar aproximativo, de geometria variável. Tratando-se de um lugar de experiência vivida, é certo, ele é sobretudo um lugar de representação, uma **espécie de espaço** (Perec, 1974) que precisa de ser identificado enquanto lugar de investigação. Foi a festa, na sua dupla vertente *arraial* e *marcha*, que me permitiu perceber e identificar a rua como espaço mínimo de sociabilidade onde tudo se decide, lugar decisivo na apropriação e de re-invenção do bairro. A Pierre Sanchis devo esta compreensão da rua como “espaço de sociabilidade trivial e desvalorizada que, por um dia, se transfigura” (: 141) fazendo do encontro e do convívio a representação utópica da comunidade urbana.

Referências bibliográficas

- Chianca, Luciana. A festa do interior. 2006. Natal, EDUFRRN.
- Cordeiro, Graça Índias. Um lugar na cidade. Quotidiano, memória e representação no bairro da Bica, Um lugar na cidade. Quotidiano, memória e representação no bairro da Bica. 1997. Dom Quixote.
- Cordeiro, Graça Índias. Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista e pitoresca. 2003. Sociologia n. 13.
- Perec, Georges. Espèces d’espaces. 1974. Paris, Éditions Galilée.
- Pinto de Carvalho, Tinop. História do Fado. 1982. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Sanchis, Pierre. Arraial. Festa de um povo. As romarias portuguesas. 1983. Lisboa, Dom Quixote.



III Colóquio Festas e Socialidades FAFICH-UFMG

Realização:

CER

Centro de Estudos da Religião Pierre Sanchis - UFMG

CIES IUL

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
E ESTUDOS DE SOCIOLOGIA
Instituto Universitário de Lisboa

CENTRE FOR RESEARCH
AND STUDIES IN SOCIOLOGY
University Institute of Lisbon

Apoio:



FAPEMIG

Título

Anais III Colóquio Festas e Socialidades

Organização

Léa Freitas Perez

Graça Índias Cordeiro

Ana Paula Lessa Belone

Edição

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Avenida das Forças Armadas

1649-026 Lisboa

Tel.: +351 217903000 • Fax: +351 217964710

E-mail: geral@iscte.pt • Sítio: <http://www.iscte-iul.pt/home.aspx>

Capa

Léa Freitas Perez e Marcos da Costa Martins

Fotos da capa

Léa Freitas Perez e Marcos da Costa Martins

Layout

Priscila Mesquita Mus

Composição e Paginação

Priscila Mesquita Musa

Edição digital

ISBN: 978-989-732-514-4

Anais

III Colóquio Festas e Socialidades

Léa Freitas Perez

Graça Índias Cordeiro

Ana Paula Lessa Belone

(organização)

Belo Horizonte, 2015.

Sumário

Apresentação - Léa Freitas Perez.....	5
Notas sobre o texto da Conferência de abertura do professor Joaquim Pais de Brito: O intrigante calendário entre dois hemisférios - Ana Paula Lessa Belone.....	8
O arraial, festa da rua e da cidade - Graça Índias Cordeiro.....	19
A força da festa: o natal e a articulação de narrativas - Ana Lúcia Modesto.....	26
Jean Duvignaud et Roger Bastide: parcours croisés, biographique et théorique - Claude Ravelet.....	41
A festa em Jean Duvignaud e o teatro de Augusto Boal - Clément Poutot.....	49
De Duvignaud às procissões lisboetas: a festa para além da festa - Léa Freitas Perez.....	58
A festa nas religiões afro-brasileiras: trans-festação da existência e verificação teológica - Celeide Agapito Valadares Nogueira.....	70
Unidades rituais na tradição congadeira em Minas Gerais - Taís Diniz Garone.....	84
Viagem, encontro e santidade: a festa como perspectiva interpretativa nos relatos sobre a viagem e o contato dos portugueses com a costa brasileira no século XVI - Marcos da Costa Martins.....	96
Breve percurso da experiência no festivo ciclo da Paixão de Cristo em São João del Rei/MG ou De como deparar-se com a grandeza do passado barroco na plena efervescência do século XXI - Ana Paula Lessa Belone.....	109
Dia de jogo, dia de festa: a torcida do Foot-ball Club Esperança de Novo Hamburgo/RS nos anos 1940 - Cleber Cristiano Prodanov, Luiz Antônio Gloger Maroneze e Vinícius Moser.....	118
Festa, lazer e turismo: possíveis relações entre mercado e tradição na (re) construção do carnaval de Ouro Preto/MG (1980-2010) - Sarah Teixeira Soutto Mayor.....	130
Atrás do trio elétrico: breves considerações sobre o carnaval de Salvador - Ana Flávia Martins Machado.....	145

As festas de Nossa Senhora do Rosário no caminho velho da Estrada Real - Paula Miranda Alves Costa e Vânia Noronha.....	170
Visões qualitativas dos atores da Vesperata - Carlos Eduardo Silveira, Juliana Medaglia e Maria de Lourdes Santos Ferreira.....	180
A identidade cultural goiana nos meandros da catira como atração turística - Maisa França Teixeira e Maria Geralda de Almeida.....	195
Festas religiosas no contexto turístico - Maria Lúcia Bastos Alves.....	206
A experiência etnográfica ou o estar no Rosário: ternos de Congado e suas interações no contexto da Festa do Rosário no interior de Minas Gerais - Daniel Albergaria Silva.....	224
Capela do Rio do Peixe e Lagolândia: apontamentos festivos - Tereza Caroline Lôbo e João Guilherme da Trindade Curado.....	236
Caxambu: ritual, memória e relações sociais - Oswaldo Giovannini Júnior.....	248
Quando a festa é uma brincadeira: parentes, vizinhos, família e amigos em cantorias de pé de parede na zona da mata pernambucana - Simone Silva.....	263
“A festa cá nos chama”: fé, emigração e retorno em uma aldeia camponesa do nordeste português - Weslei Estradiote Rodrigues.....	273
Festa e <i>performance</i> em espaço público: tomar a rua! - Paulo Raposo.....	284
A festa de São Jorge/Ogum no Rio de Janeiro: guerreiros que desconhecem limites fundam um lugar de encontro em meio à paisagem urbana - Leonardo de Oliveira Carneiro.....	299
Festa dos bonecos da rua do Porto - John C. Dawsey.....	312
O carnaval e espaço urbano “em-cena”: negociações, dramas e <i>performances</i> - Caroline Glodes Blum.....	329
Carnavais de Buenos Aires: narrativas da inclusão - Maria Eugenia Dominguez.....	340
O registro do congado: reflexões sobre possibilidades e contradições - Aline Pinheiro Brettas.....	350
Imagens de si na festa de forró eletrônico - Roberto Marques.....	360
A festa Boi-Bumba de Parintins: arte, espetáculo e <i>performance</i> - José Maria da Silva.....	378

A arte das quadrilhas nas festas juninas de Aracaju/SE - Eufrázia Cristina Menezes Santos, Rebeca A. Massoneto Ribeiro e Eliseu Ramos dos Santos.....	390
Brincando com fogo: festa e violência no universo funk - José Augusto Silva e Leila Amaral.....	402
Dobres da agonia na Jerusalém sergipana: procissão dos passos em São Cristóvão - Magno Francisco de Jesus Santos.....	422
Religiosidade popular, festa e turismo: a devoção ao Nosso Senhor dos Passos em São Cristóvão/SE - Ivan Rêgo Aragão e Janete Ruiz de Macedo.....	434
Devoções santeiras em Minas Gerais - João Valdir Alves de Souza	445
A festa de Santa Cruz: permanência e mudança - Batistina Maria de Sousa Corgozinho.....	458
Panorama das religiões indo afro-brasileiras do Recife e região metropolitana - Marcelo de Andrade Vilarino e Rafael Gomes Barros.....	471
A festa de São José dos Montes: memória e devoção popular - Ane Luíse Silva Mecenas Santos.....	488
Cavalcada de Brumal: festa, tradição, religiosidade e corpo - Murilo E. S. Nazário.....	501
A tradição e a festa em busca de vivências religiosas: o Congado em Itaguara/MG - Mauro Passos.....	513